

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Curso de Licenciatura em História

A TRAJETÓRIA DO BOI BUMBÁ MIRIM INXIRIDINHO:
QUANDO O SONHO COLETIVO QUER TRANSFORMAR
A REALIDADE DO BAIRRO NOVA CONQUISTA

Jainer Maia de Sousa

Orientador: Prof. Dr. Diego Omar da Silveira

Resumo: O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a trajetória do Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho e compreender de que maneira essa manifestação cultural tem contribuído para a transformação sociocultural do bairro Nova Conquista, em Parintins (AM). A pesquisa parte da compreensão das festas populares como espaços de resistência, identidade e pertencimento, destacando o boi-bumbá enquanto símbolo de sociabilidade amazônica. A metodologia baseia-se em uma abordagem qualitativa, com entrevistas realizadas junto a moradores e idealizadores do boi, buscando compreender o papel do Inxiridinho na reconfiguração das relações comunitárias e na valorização cultural do território. Os resultados evidenciam que a brincadeira, surgida como um protesto diante da negligência pública e das condições precárias do bairro, transformou-se em instrumento de mobilização social, afetiva e artística. O Inxiridinho não apenas ressignificou a imagem do bairro, antes estigmatizado pela violência, como também proporcionou novas possibilidades de expressão, convivência e esperança às crianças e famílias envolvidas.

Palavras-chave: Cultura popular. Boi-Bumbá. Parintins. Comunidade. Identidade.

Introdução

As festas populares brasileiras configuram-se como expressões simbólicas que traduzem a alma coletiva de um povo, revelando modos de ser, crer e pertencer. Elas ultrapassam o caráter meramente festivo e assumem papel social, educativo e político, pois nelas se produzem identidades, memórias e resistências. No contexto amazônico, o boi-bumbá representa uma das mais vigorosas manifestações culturais, capaz de reunir música, dança, religiosidade e teatralidade em torno de um mesmo símbolo: o boi. Muito além do espetáculo grandioso do Festival Folclórico de Parintins, emergem iniciativas locais — como os bois mirins e comunitários — que ressignificam a tradição e fortalecem a participação popular em diferentes territórios da cidade.

Segundo Cavalcanti (2013), às festas não devem ser compreendidas como instituições isoladas, mas como “atividades rituais que articulam experiências cotidianas, memórias e símbolos coletivos”, promovendo aprendizagens e reafirmando pertencimentos. De modo semelhante, DaMatta (1979) reconhece nas festas populares uma forma de dramatização dos valores sociais, onde se negociam hierarquias e sentidos de vida comunitária.

Já Queiroz (1992) reforça que o vivido e o mítico se entrelaçam nesses contextos, tornando a festa um espaço de reinvenção da realidade. Nesse sentido, compreender o universo do boi-bumbá é compreender também as dinâmicas sociais e afetivas que o sustentam.

Allan Rodrigues (2006), em sua obra *Boi-Bumbá: Evolução*, evidencia que o Festival de Parintins transcende a ideia de um simples espetáculo folclórico, sendo resultado de uma “força coletiva que mobiliza o imaginário, o trabalho e a identidade de um povo”. O autor descreve o festival como um catalisador de tradições amazônicas, reunindo artes, ofícios e religiosidade em um mesmo ato de celebração.

O boi, nesse sentido, simboliza o encontro entre o sagrado e o profano, entre a arte e a vida cotidiana. Tal perspectiva permite compreender o boi mirim como herdeiro e, ao mesmo tempo, inovador dessa tradição, pois traduz, em escala comunitária, o mesmo potencial de encantamento e transformação.

É nesse cenário que se insere a trajetória do Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho, criado no bairro Nova Conquista, em Parintins (AM), em meio ao contexto de isolamento social devido ao bairro surgir em contexto de ocupação. A brincadeira, inicialmente denominada “Boi de Lama”, surgiu como forma de protesto e resistência diante das precárias condições de infraestrutura do bairro.

A lama, que antes simbolizava descaso e abandono, foi transformada em matéria simbólica de criação e pertencimento. Moradores, famílias e amigos uniram esforços para dar vida ao boi mirim, promovendo rifas, bingos e campanhas solidárias, evidenciando a potência do sonho coletivo como instrumento de mobilização social.

A história do Inxiridinho revela que o fazer cultural pode ser também um ato político e comunitário, capaz de produzir visibilidade e autoestima em territórios periféricos. Assim como o festival consagrado estudado por Rodrigues (2006), o boi mirim se torna um microcosmo de transformação, onde o trabalho colaborativo, a arte e o afeto produzem novos significados para a vida no bairro. A festa, nesse contexto, é resistência e esperança; é a tradução sensível de uma comunidade que, entre carências e sonhos, encontrou no boi de pano uma maneira de reinventar a própria história.

Dessa forma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar a trajetória do Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho, investigando de que maneira essa manifestação cultural contribuiu para a transformação sociocultural do bairro Nova Conquista. Mais especificamente, busca-se: a) compreender o processo de criação e consolidação do Inxiridinho; b) analisar as formas de mobilização comunitária em torno do boi; c) identificar os impactos sociais e culturais da manifestação na vida dos moradores; e d) refletir sobre o papel das festas populares como instrumentos de resistência, visibilidade e coesão social. Assim, estudar o Inxiridinho é reconhecer que as grandes transformações sociais também nascem do chão simples das comunidades — onde o sonho, quando compartilhado, torna-se força capaz de mover a realidade.

As festas populares e o poder simbólico do Boi-Bumbá

As festas populares constituem expressões complexas da cultura, nas quais se entrelaçam elementos religiosos, artísticos, políticos e afetivos. São manifestações que traduzem o modo como os grupos sociais interpretam o mundo, reelaboram suas memórias e produzem sentidos de pertencimento. Conforme DaMatta (1979), “a festa é uma linguagem social”, um momento em que a sociedade suspende temporariamente as hierarquias e as regras do cotidiano para viver uma experiência de comunhão simbólica. Assim, a festa torna-se uma forma de dramatizar valores, de inverter papéis e de reafirmar identidades coletivas.

Cavalcanti (2013) argumenta que as festas populares são também espaços de resistência cultural, pois nelas se entrelaçam tradições e inovações, religiosidade e lazer, fé e arte. A autora ressalta que “os rituais festivos articulam a vida cotidiana e a

memória, servindo como mecanismos de continuidade cultural”. Dessa forma, compreender o universo festivo é compreender o modo como uma comunidade se reconhece e se projeta no tempo, mantendo vivas as suas raízes mesmo em contextos de exclusão ou mudança social.

Na região norte, o boi-bumbá sintetiza essa linguagem ritualística e simbólica. Mais do que uma simples representação teatral, o boi é um mito em movimento, um espetáculo que encena a luta entre a vida e a morte, o sagrado e o profano, o humano e o divino. De acordo com Rodrigues (2006), o boi-bumbá é “a expressão máxima da identidade amazônica, um fenômeno que reúne fé, arte e resistência”. Ele traduz a capacidade do povo amazônica de transformar a adversidade em celebração, a dor em dança, o cotidiano em poesia.

Historicamente, o boi-bumbá no Brasil tem raízes múltiplas. Segundo Queiroz (1992), o auto do boi – também conhecido como bumba-meu-boi – surgiu do encontro entre tradições indígenas, africanas e europeias, compondo uma narrativa simbólica sobre a vida, o trabalho e a natureza. Essa mistura de matrizes culturais fez do boi uma manifestação plural, capaz de reunir diversos segmentos da sociedade sob um mesmo enredo de fé e alegria. No contexto amazônico, essa tradição foi adaptada à realidade local, ganhando novas cores, sons e significados.

Burke (2005) observa que a cultura popular deve ser entendida como um campo de disputa simbólica, onde se confrontam diferentes formas de poder e representação. Nesse sentido, o boi-bumbá se apresenta como uma linguagem política, por meio da qual comunidades marginalizadas reafirmam sua dignidade e visibilidade. A festa torna-se, assim, um território de resistência, onde se negociam identidades e se constroem laços sociais.

Hall (2003) contribui com essa perspectiva ao afirmar que a identidade cultural é um processo em constante transformação, moldado pelas experiências históricas e pelas interações sociais. No caso do boi-bumbá, a identidade se renova a cada geração, reinventando-se sem romper com as tradições. Essa capacidade de adaptação garante a vitalidade do folclore, que se manifesta tanto nos grandes festivais quanto nas pequenas brincadeiras de bairro.

Bosi (1992) acrescenta que a memória é o elemento que dá continuidade às práticas culturais. É ela que liga o passado ao presente e assegura a transmissão dos saberes coletivos. No boi-bumbá, a memória se expressa na oralidade, nas músicas, nos

gestos e nas confecções artesanais, perpetuando histórias e afetos de geração em geração.

Dessa maneira, as festas populares — e, em especial, o boi-bumbá — cumprem uma dupla função: a de preservar a tradição e a de produzir transformação social. O ritual festivo não é apenas uma repetição do passado, mas uma recriação constante do presente, onde o povo expressa suas lutas, esperanças e visões de mundo.

No contexto amazônico, essa recriação adquire contornos de resistência, pois emerge em territórios historicamente marginalizados, como os bairros periféricos de Parintins. O boi-bumbá, nesse sentido, é tanto espetáculo quanto instrumento de reivindicação. Ele traduz a potência de um povo que, ao dançar e cantar, afirma a própria existência e renova sua esperança.

Assim, o boi mirim, como o Inxiridinho, representa uma extensão desse patrimônio simbólico. Ele é a herança viva da tradição que se reinventa nas mãos das novas gerações. Por meio do brincar, da música e da confecção artesanal, as crianças e os jovens perpetuam uma identidade cultural que se recusa a desaparecer. O boi mirim é, portanto, o elo entre a memória e o futuro — a prova de que a cultura é, antes de tudo, um ato de resistência e de amor coletivo.

O Boi-Bumbá em Parintins: tradição, resistência e identidade amazônica

Parintins é reconhecida nacional e internacionalmente por seu Festival Folclórico, realizado desde a década de 1960, que coloca em cena os bois Garantido e Caprichoso em uma disputa artística e simbólica sem igual no Brasil. Mais do que um espetáculo, o festival é a síntese da cultura amazônica — uma celebração do povo, da fé e da arte. Conforme Allan Rodrigues (2006), o festival é resultado de uma “força coletiva que mobiliza o imaginário e reafirma a identidade amazônica”, transformando-se em um fenômeno de comunicação, turismo e orgulho regional.

A origem do boi-bumbá remonta a um enredo ancestral presente em várias regiões do país: o Auto do Boi ou Bumba-meu-boi. Segundo Câmara Cascudo (1954), essa narrativa, trazida pelos colonizadores portugueses e ressignificada pelos africanos e indígenas, conta a história do boi que morre e ressuscita — metáfora da fertilidade, da vida e da esperança. No Amazonas, essa tradição foi reelaborada de modo singular, incorporando elementos da floresta, das lendas locais e da religiosidade cabocla. Assim, o boi-bumbá parintinense expressa uma estética amazônica, que une o sagrado e o profano, o popular e o erudito.

Com o passar das décadas, o Festival de Parintins tornou-se um espaço de disputa simbólica entre os dois bois, mas também de afirmação da cultura regional. Rodrigues (2006) observa que o festival “projetou Parintins para o mundo, mas sem romper com suas raízes populares”, pois sua essência continua ligada ao sentimento comunitário e à participação das famílias locais. Por trás do espetáculo grandioso, há costureiras, carpinteiros, artistas plásticos, dançarinos e brincantes que, com dedicação e afeto, mantêm viva a tradição.

Cavalcanti (2013) destaca que festas como o boi-bumbá funcionam como rituais de pertencimento, nos quais a comunidade se vê representada e se reconhece como parte de algo maior. Em Parintins, a rivalidade entre Caprichoso e Garantido não é apenas um embate estético, mas uma metáfora da diversidade e da pluralidade do povo amazônida. Cada apresentação é uma narrativa de resistência, um modo de afirmar que, mesmo diante das desigualdades sociais e econômicas, o povo da ilha continua produzindo arte e alegria.

Além dos grandes bois, há uma extensa rede de manifestações locais, comunitárias e mirins que mantêm viva a essência da festa. Esses grupos, muitas vezes formados em bairros periféricos, funcionam como escolas de cultura popular, onde crianças e jovens aprendem valores de solidariedade, disciplina, criatividade e identidade. São nesses espaços que a tradição se renova, permitindo que novas gerações participem do universo do boi.

Os bois mirins e de bairro, como o Inxiridinho, são expressões legítimas dessa continuidade. Eles surgem do desejo de democratizar o acesso à cultura e de afirmar que o boi-bumbá não pertence apenas à arena do Bumbódromo, mas ao cotidiano das comunidades. Segundo Hall (2003), as identidades culturais não são fixas, mas se constroem e se transformam nas práticas sociais. Assim, o boi mirim representa o processo vivo de reconstrução da identidade parintinense, onde a cultura popular deixa de ser espetáculo e volta a ser vivência.

Burke (2005) argumenta que a cultura deve ser entendida como “um conjunto de práticas significantes através das quais as pessoas expressam e interpretam suas experiências”. O boi-bumbá, nesse sentido, é uma forma de comunicação social que traduz os sentimentos, os valores e as lutas de um povo. Ele cria vínculos afetivos e identitários, tornando-se um verdadeiro patrimônio imaterial da Amazônia.

Na esfera social, o festival também possui um papel educativo e político. Por meio do boi, a comunidade aprende a organizar eventos, administrar recursos, planejar e

trabalhar coletivamente. As oficinas de dança, costura, escultura e confecção artesanal desenvolvem habilidades que fortalecem o capital social das famílias envolvidas. Além disso, o boi é um veículo de educação estética, pois ensina sobre arte, ritmo, expressão corporal e respeito à diversidade cultural.

Entretanto, é nas margens do grande espetáculo que o boi revela seu poder mais transformador. A tradição se reinventa quando chega ao chão do bairro. Cada ensaio, cada figurino confeccionado pelas mãos das mulheres, cada criança que ensaia com o olhar curioso e o coração alegre, simboliza a resistência de um povo que transforma precariedade em arte.

O Inxiridinho, assim como outros bois mirins, representa esse elo entre o espetáculo e o cotidiano, entre o sonho e a realidade. Ele reafirma que o verdadeiro sentido do boi-bumbá não está apenas nas arquibancadas do festival, mas também nas ruas de terra, nas vielas e nos quintais onde a comunidade se reúne para celebrar. É nesse chão que o boi se faz mais humano, mais próximo e mais verdadeiro — como um espelho da própria Amazônia: múltipla, criativa e profundamente resistente.

A trajetória do Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho: entre o protesto e o sonho coletivo

O Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho nasceu de um gesto simples e profundamente simbólico: a vontade de brincar e de sonhar coletivamente. Segundo Erik, idealizador do boi, a ideia surgiu em 2019, “*numa fogueira de São João, quando resolvemos fazer um boizinho de caixa e sair brincando pelas ruas do bairro*” (sic). O que parecia apenas uma diversão passageira transformou-se, no ano seguinte, em um projeto comunitário, repleto de significados culturais, afetivos e políticos.

O contexto em que o Inxiridinho surgiu é essencial para compreender sua dimensão social. Em 2020, o Brasil vivia o auge da pandemia da Covid-19, um período de medo, isolamento e incertezas. As famílias do bairro Nova Conquista, em Parintins-AM, enfrentavam não apenas o risco da doença, mas também a ausência de políticas públicas, a precariedade urbana e o estigma social. Em meio a esse cenário, o boi mirim emergiu como ato de resistência e afirmação de vida — um grito de esperança nascido do chão da periferia.

Inicialmente chamado “Boi de Lama”, o grupo surgiu como forma de protesto diante das condições precárias do bairro. “*As ruas eram só lama, e o poder público não olhava pra gente*”, relembra Erik. O nome carregava, assim, uma dupla carga simbólica: a denúncia do abandono e o desejo de transformação. Segundo Hall (2003),

as identidades se constroem nas fronteiras da resistência — e o Boi de Lama foi exatamente isso: um símbolo criado por sujeitos marginalizados que decidiram se ver e se representar de forma digna.



Imagem 1: Rua do Bairro Nova Conquista

O gesto de transformar a lama em boi foi, na prática, um ato poético e político. O barro, antes associado ao descaso, converteu-se em metáfora da criação: das mãos sujas nasceu a arte, e da ausência de recursos nasceu o pertencimento. É a mesma lógica que Bosi (1992) descreve ao falar da cultura popular como “o espaço onde o povo imprime sua marca no mundo e reconstrói sua humanidade”.

Em uma roda de conversa entre amigos, o grupo decidiu mudar o nome. O termo “Inxiridinho” surgiu de uma brincadeira e acabou sendo adotado por todos, simbolizando leveza, alegria e espontaneidade — qualidades que definem o espírito da festa. A escolha do nome também marcou uma virada: o protesto se transformava em celebração, e o sofrimento em força criativa.

Durante a pandemia, a iniciativa tornou-se refúgio e esperança. Erik recorda: “*Como estávamos isolados, resolvemos criar algo para ocupar as crianças e tirá-las do mundo das drogas.*” Essa fala revela o caráter socioeducativo do projeto, que se firmou como uma estratégia comunitária de proteção social. De forma intuitiva, o Inxiridinho cumpriu o papel que Cavalcanti (2013) atribui às festas populares: o de reconstruir vínculos e produzir pertencimento em tempos de fragmentação.

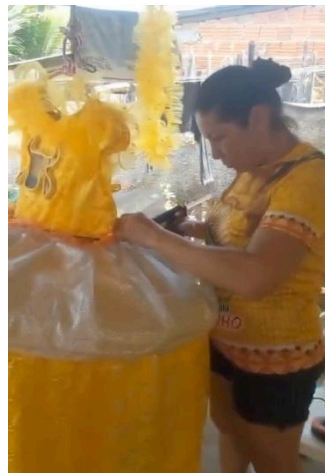
A brincadeira rapidamente ganhou força e adesão. Famílias inteiras se envolveram na confecção do boi, na criação das fantasias e na organização dos ensaios. O grupo, inicialmente formado por poucas pessoas, transformou-se em uma rede solidária, onde cada morador contribuía com o que podia: tecidos, tintas, rifas, bingos e

doações. O que se formava não era apenas um boi mirim, mas uma comunidade de sentido, como diria Durkheim (1912), unida por laços simbólicos e emocionais.

O depoimento de Diego, um dos fundadores, reforça essa dimensão coletiva: *“O bairro era taxado como perigoso, e o Inxiridinho ajudou a mudar essa imagem. Hoje somos o bairro da brincadeira.”*

A fala de Diego ilustra o processo que Hall (2003) define como reconstrução identitária, quando um grupo social passa a se reconhecer e ser reconhecido de outra maneira. Antes visto pela mídia como “bairro da criminalidade”, o Nova Conquista passou a ser lembrado como o “bairro do boizinho”, o que revela uma verdadeira mudança de narrativa social.

Além disso, o boi se entrelaça a outras iniciativas solidárias, como o projeto “Criança Conquistando Sonhos”, mencionado por Diego, que organiza atividades lúdicas e doações no Dia das Crianças. Essas ações revelam o caráter integrador e educativo do Inxiridinho, que vai além da brincadeira e assume um papel de formação cidadã.





Imagens 2 a 8: Diversas etapas de produção do Boi: confecção de roupas, alegorias e ensaios com a comunidade e confraternizações.

De acordo com Rodrigues (2006), o sucesso do boi-bumbá em Parintins está no fato de que “cada costura, cada pintura e cada ensaio são feitos com amor e pertencimento”. O mesmo se aplica ao Inxiridinho. A confecção do boi, liderada por mulheres como Luma, Josiele e Elzimara, tornou-se um espaço de descoberta e empoderamento. Luma afirma que “*muitas mulheres nem sabiam que tinham um dom, e no boi elas descobriram talentos*”. Essa fala sintetiza a dimensão emancipatória da cultura popular, que permite que sujeitos marginalizados se tornem criadores e protagonistas.

Outro aspecto relevante é o papel da infância. As crianças, que antes não tinham espaço de lazer e convivência, encontraram no Inxiridinho um ambiente de pertencimento e disciplina. “*Elas ficam esperando o horário dos ensaios, todas animadas, já prontas no local*”, conta Diego. A alegria infantil se tornou o combustível da iniciativa, mostrando que a cultura também é um meio de educação afetiva e prevenção social.

Ao analisar o processo de criação do Inxiridinho, percebe-se que ele ultrapassa os limites de uma manifestação cultural: trata-se de um movimento social e simbólico.

Através do boi, o bairro construiu novas narrativas sobre si mesmo, fortalecendo vínculos, ampliando horizontes e provando que a arte pode ser uma forma de cidadania.

Como lembra Cavalcanti (2013), a festa popular não é um simples ritual, mas uma “expressão coletiva de sentidos que dão forma ao mundo”. Assim, o Inxiridinho representa o poder da cultura em transformar a dor em beleza, a carência em criatividade e o esquecimento em pertencimento.

A trajetória do boi é, portanto, também a de uma comunidade que se descobriu capaz de sonhar. No lugar da lama, brotou o tambor. No silêncio do isolamento, nasceu o canto. E no coração de um bairro estigmatizado, surgiu um símbolo de esperança. O Inxiridinho é o testemunho vivo de que a cultura, quando compartilhada, tem o poder de reinventar realidades e reafirmar a humanidade de um povo.

Vozes da comunidade: cultura, afeto e transformação social

As entrevistas realizadas com os membros e colaboradores do Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho revelam que a iniciativa ultrapassa a dimensão do entretenimento. Ela representa uma forma de mobilização social e afetiva, um projeto de resistência que reafirma a importância da cultura como instrumento de transformação da realidade.

Em cada fala, emerge a consciência de que o boi não é apenas uma brincadeira: é um modo de existir, de criar laços e de reconstruir a autoestima coletiva. As experiências vividas pelos entrevistados mostram que o Inxiridinho produziu impactos concretos na vida dos moradores, fortalecendo vínculos, despertando talentos e dando nova visibilidade ao bairro Nova Conquista.

Conforme Burke (2005), as expressões culturais são modos pelos quais as comunidades dão sentido à própria experiência. Através delas, “as pessoas tornam inteligíveis suas vidas e criam narrativas sobre quem são e o que desejam ser”. Assim, as falas dos moradores não são apenas depoimentos, mas também discursos identitários, onde a cultura se converte em linguagem de pertencimento e esperança.

O protagonismo feminino e a reinvenção do fazer cultural

As falas de Luma, Josiele e Elzimara trazem à tona o papel essencial das mulheres na construção do boi e na sustentação simbólica da festa. São elas que costuram, bordam, criam, pintam e embelezam o espetáculo. Através do trabalho manual, essas mulheres transformam tecidos em símbolos, linhas em histórias, e o cotidiano em arte.

Para Luma, “*muitas mulheres nem sabiam que tinham dom, e no boi elas descobrem talentos, costuram, criam e se emocionam*”. Josiele reforça esse sentimento:

“*eu ajudo nas roupas, vejo a alegria das crianças e me sinto muito feliz — é isso que me motiva*”. Essas falas ilustram o que Bosi (1992) define como memória criadora: o processo pelo qual sujeitos comuns, ao se engajarem em práticas coletivas, descobrem em si mesmos novas potências de expressão e ação.

Elzimara complementa: “*as mulheres são as artistas*”. Essa declaração sintetiza a inversão simbólica promovida pelo boi mirim: o espaço doméstico da costura e do cuidado, tradicionalmente associado à invisibilidade feminina, torna-se palco de protagonismo e valorização.

De acordo com Brandão (2007), a cultura popular é também um campo de educação não formal, onde se aprende pela convivência, pela troca e pela prática. No Inxiridinho, as mulheres se reconhecem como produtoras de cultura e conhecimento, desafiando a lógica que historicamente as excluiu da autoria artística. Nesse sentido, o boi-bumbá mirim revela-se um espaço pedagógico de empoderamento feminino e de afirmação de autonomia.

Cultura como transformação e reconstrução identitária

A dimensão transformadora da cultura aparece com força nas falas de Diego e Elzimara. “*A cultura pode transformar o ser humano através do carinho e do cuidado*”, afirma Elzimara. Essa percepção está em sintonia com o pensamento de Paulo Freire (1987), para quem a cultura é uma forma de libertação, pois permite que o sujeito tome consciência de sua realidade e aja sobre ela.

Antes da criação do Inxiridinho, o bairro Nova Conquista era frequentemente estigmatizado pela mídia local como “bairro perigoso”. Diego relembra: “*o bairro era taxado como perigoso, e o Inxiridinho ajudou a mudar essa imagem. Hoje somos o bairro da brincadeira*”. Essa mudança de narrativa demonstra o que Hall (2003) chama de reconfiguração identitária, quando um grupo social constrói novas formas de ser reconhecido, baseadas em orgulho e pertencimento.

A transformação não se limita à imagem pública: ela atinge o tecido social. O boi passou a funcionar como um espaço de mediação simbólica, onde as pessoas se encontram, compartilham, se ajudam e constroem novas formas de convivência. A festa, como afirma Cavalcanti (2013), é o momento em que a comunidade se vê e se celebra a si mesma. O Inxiridinho tornou-se, portanto, uma pedagogia do encontro — um exercício coletivo de empatia, solidariedade e criatividade.

A partir das entrevistas, percebe-se que o boi também contribuiu para o surgimento de lideranças comunitárias e de novas dinâmicas sociais. A organização dos ensaios, a arrecadação de fundos e a realização dos eventos exigiram planejamento e trabalho em equipe, reforçando o senso de responsabilidade e protagonismo dos moradores. Como afirma Freire (1987), o ato de fazer é também um ato de aprender: quem participa da criação cultural se educa e educa os outros.

Infância, pertencimento e formação de valores

Outro aspecto central nas falas dos entrevistados é o papel do Inxiridinho na vida das crianças e adolescentes do bairro. Para Josiele, o boi representa a concretização de um sonho: “*meu menino queria brincar debaixo do boi, e hoje ele vive isso de verdade*”. Essa lembrança traduz o poder simbólico do brinquedo coletivo como meio de realização e pertencimento.

De acordo com Bosi (1992), o brincar é uma forma de elaborar o mundo e de produzir memória afetiva. Ao participar do boi, as crianças aprendem sobre disciplina, cooperação e respeito — valores que transcendem o espetáculo e se estendem à vida cotidiana. Diego relata que as crianças esperam o horário dos ensaios, todas animadas e prontas. Esse comportamento revela o quanto o projeto cria rotinas saudáveis e educativas, afastando-as de situações de risco e reforçando o sentimento de responsabilidade.

A infância, nesse contexto, é também o espaço de transmissão cultural. O boi mirim permite que as novas gerações se tornem herdeiras e guardiãs da tradição. Segundo Burke (2005), “a cultura popular sobrevive porque as crianças a reinventam continuamente”. O Inxiridinho é prova viva disso: ele garante que o ciclo da memória continue ativo e que o boi-bumbá permaneça como símbolo de identidade amazônica.

Sonho, esperança e futuro coletivo

Todas as vozes convergem para um mesmo desejo: ver o Inxiridinho crescer e conquistar novos espaços. “*Eu vejo o boi grandioso, um dia disputando com os outros bois mirins*”, sonha Luma. Diego e Elzimara compartilham essa esperança de ver o boi “*entrando na arena principal de Parintins*”, representando o bairro com orgulho.

Essas aspirações revelam o caráter utópico e esperançoso da cultura. Como lembra Freire (1987), a esperança é um ato político, porque ela impulsiona a ação transformadora. O sonho coletivo do Inxiridinho é, portanto, mais do que uma

expectativa estética — é a expressão de uma vontade social de ser visto, reconhecido e valorizado.

Além disso, o sonho de “chegar à arena” carrega um sentido simbólico profundo: significa a busca por igualdade, visibilidade e legitimidade dentro do campo cultural de Parintins. É o desejo de que o bairro Nova Conquista, historicamente marginalizado, tenha seu lugar na narrativa da cidade.

Para Cavalcanti (2013), as festas populares cumprem exatamente essa função: elas “rompem as fronteiras da exclusão e constroem pontes simbólicas entre o centro e a periferia”. O Inxiridinho, portanto, não é apenas um boi mirim — é um projeto de cidadania cultural, um gesto de resistência poética que prova que a arte pode transformar o território e o destino de uma comunidade.

A análise das entrevistas evidencia que o Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho é, ao mesmo tempo, uma expressão de identidade, afeto e transformação social. Ele revela que a cultura, quando construída coletivamente, se torna uma ferramenta poderosa de educação, pertencimento e esperança

As mulheres reinventam seus papéis e afirmam sua autoria; as crianças encontram propósito e alegria; os homens se tornam parceiros e construtores; e o bairro, antes visto como periferia esquecida, se transforma em território de criação e vida.

Em suma, o Inxiridinho mostra que o verdadeiro sentido da cultura popular está em sua capacidade de ressignificar realidades, fortalecendo os laços humanos e abrindo caminhos para que o sonho coletivo continue a pulsar — forte, colorido e vivo, como o som do tambor que anuncia a chegada do boi.





Imagens 9 a 11: Boi Inxiridinho, Diretoria e Apresentação do Boi para a comunidade.

Considerações finais

A trajetória do Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho confirma que as grandes transformações sociais podem nascer dos gestos mais simples — de uma brincadeira de rua, de uma fogueira de São João, de um sonho coletivo nascido em meio à lama e à invisibilidade. O que começou como uma iniciativa espontânea de moradores do bairro Nova Conquista, em Parintins, consolidou-se como uma experiência de resistência, memória e identidade.

A pesquisa revelou que o Inxiridinho é muito mais do que uma manifestação cultural: é um acontecimento histórico que traduz os processos de organização popular, de reconstrução simbólica e de afirmação da cidadania nas periferias amazônicas. Ao investigar sua trajetória, compreende-se que o boi nasceu como resposta à exclusão, mas se firmou como um marco de pertencimento coletivo, reescrevendo as narrativas sobre o bairro e sobre seus habitantes.

Sob a luz das reflexões de Cavalcanti (2013), DaMatta (1979) e Hall (2003), percebe-se que as festas populares são espaços de memória viva — lugares onde o passado, o presente e o sonho de futuro se entrelaçam.

Nessa perspectiva, estudar o Inxiridinho é também fazer História, porque é reconhecer nas práticas culturais o testemunho das lutas, afetos e resistências de um povo.

A cultura, nesse sentido, torna-se fonte histórica, pois guarda em si os gestos, as vozes e os sentidos de uma coletividade que se recusa a ser esquecida.

O olhar histórico sobre o Inxiridinho permitiu compreender como as manifestações populares funcionam como instrumentos de reconstrução social e educativa.

Assim como afirma Bosi (1992), a memória é o território onde o povo inscreve sua permanência no tempo. O boi mirim inscreve no presente a memória de um bairro que, mesmo marcado pela precariedade, ressignifica sua história por meio da arte e do afeto.

As mulheres, como mostraram as falas de Luma, Josiele e Elzimara, tornaram-se protagonistas da criação artística, exercendo um papel que conjuga sensibilidade e resistência; as crianças encontraram na brincadeira um espaço de aprendizado e cidadania; os homens se descobriram construtores e guardiões da coletividade. Essa rede de colaboração mostra que a história não é feita apenas nos grandes palcos ou nos livros oficiais, mas também nos pequenos territórios da vida comum, onde o cotidiano se transforma em memória e o gesto em símbolo.

A análise evidenciou, ainda, que o Inxiridinho alterou a imagem histórica do bairro Nova Conquista. O lugar que antes era visto como “bairro perigoso” passou a ser reconhecido como “bairro do boizinho”, espaço de alegria, solidariedade e criação. Essa mudança discursiva é, por si só, um fato histórico e cultural de grande relevância, pois demonstra o poder da cultura em redefinir identidades e reconstruir narrativas sociais.

Como educador e futuro historiador, compreender essa experiência significa reconhecer que o ensino de História não se limita à sala de aula. Ele também acontece nas festas, nos ensaios, nos ateliês de costura, nas arenas improvisadas — onde a comunidade narra e celebra sua própria existência. Nesse sentido, o Inxiridinho é uma verdadeira aula viva de História, um espaço em que o passado dialoga com o presente e aponta caminhos para o futuro.

Conforme ensina Paulo Freire (1987), educar é um ato político e amoroso. O boi mirim, ao unir cultura e comunidade, mostra que educar também pode ser dançar, cantar, criar e sonhar coletivamente. A História, portanto, cumpre aqui sua função mais nobre: dar voz aos silenciados, registrar as experiências que constroem o tecido da vida social e reconhecer na cultura popular a força que move a transformação.

Em síntese, o Boi-Bumbá Mirim Inxiridinho é mais que uma brincadeira: é uma expressão histórica da resistência amazônica, um documento vivo de memória coletiva, e uma lição de esperança sobre o poder da arte em reinventar o mundo. Quando o tambor ecoa no meio da lama e o brilho do boi ilumina o bairro, o que se celebra não é

apenas uma festa — é o triunfo da cultura sobre o esquecimento, é a História viva que pulsa no coração do povo.

Lista de entrevistados

Diego Belém – Pedreiro

Elzimara Ribeiro – Autônoma

Erick Tavares – Autônomo

Josiele Sarmento – Dona de casa

Luma Dutra – Técnica em Saúde bucal

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Festas populares e rituais urbanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 1954.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1992.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. *Boi-Bumbá: Evolução – Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins*. Manaus: Editora Valer, 2006.